



SANTO E GRANDE
CONCÍLIO DA IGREJA
ORTODOXA

CRETA (Grécia), 19 a 26 de junho de 2016

«A todos Ele chama à unidade»

ENCÍCLICA DO SANTO E GRANDE E CONCÍLIO DA IGREJA ORTODOXA

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Elevamos um hino de ação de graças ao Deus adorado na Trindade, que nos permitiu reunir nestes dias de Pentecostes, na ilha de Creta, santificada pelo Apóstolo Paulo das Nações e seu discípulo Tito, «verdadeiro filho na fé que nos é comum» (Tt 1,4) e, concluir, sob a inspiração do Espírito Santo, os trabalhos do Santo e Grande Concílio da Igreja Ortodoxa, convocado por sua Santidade o Patriarca Ecumênico Bartolomeu I, com o acordo de Suas Beatitudes os Primazes das santíssimas Igrejas Ortodoxas Autocéfalas, para glória de seu bendito Nome e em benefício do povo de Deus e de todo o mundo, confessando com o divino Paulo: «Assim, pois, que nos vejamos como servidores de Cristo e dispensadores dos mistérios de Deus» (1 Cor 4.1).

O Santo e Grande Concílio da Igreja una, santa, católica e apostólica constitui um testemunho autêntico da fé no Cristo Deus-homem, Filho unigênito e Verbo de Deus, que por sua encarnação, toda a sua obra na terra, seu sacrifício sobre a Cruz e a sua Ressurreição revelou o Deus Trinitário como Amor infinito. Assim, pois, a uma só vós e num só coração dirigimos, em concílio, a palavra de «nossa esperança» (cf. 1 Pd 3,15), não apenas aos filhos fiéis de nossa santíssima Igreja, mas a todos os que antes se encontravam afastados e que se aproximaram (Ef 2,13). «Nossa Esperança» (1 Tm 1,2), o Salvador do mundo, foi revelado como «Deus-conosco» (Rm 8,32) «que quer que todos os homens se salvem e alcancem o conhecimento da verdade» (1 Tm 2,4). Proclamamos o amor sem esconder os benefícios, conscientes das palavras do Senhor: «O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar» (Mt 24,35). Anunciamos cheios de alegria a palavra da fé, da esperança e do amor, esperando por aquele «dia em que não haverá ocaso, nem manhã, nem fim» (Basilio o Grande, *'Homilías sobre el Hexamerón'* II, PG 29, 52, SC 26 bis, p. 185). O fato de que a nossa cidadania está «nos céus» não enfraquece, mas reforça o nosso testemunho no mundo.

Nisto, nos conformamos à tradição dos Apóstolos e dos nossos Santos Padres, que anunciavam o Cristo e a experiência salvadora da fé da Igreja, fazendo teologia que tem como objetivo «lançar mãos às redes» (segundo o espírito de apostolado), isto é, alcançar os seres humanos de nosso tempo, para transmitir-

lhes o Evangelho da liberdade em Cristo (cf. *Gal* 5,1). A Igreja não vive para si mesma. Ele se oferece a toda a humanidade para a elevação e a renovação do mundo em novos Céus e nova terra (cf. *Ap* 1,21). Assim pois, dá o testemunho evangélico e compartilha os dons que Deus dispensou à humanidade: seu amor, paz, justiça, reconciliação, força da ressurreição e esperança da eternidade.

I. A Igreja como Corpo de Cristo, ícone da Santíssima Trindade

1. A Igreja una, santa, católica e apostólica é a comunhão divino-humana, a imagem da Santíssima Trindade; a pregustação, a antecipação e a experiência das coisas últimas vividas na Divina Eucaristia; a revelação da glória das coisas vindouras; como Pentecostes permanente, a voz profética que jamais é silenciada no mundo; a presença e o testemunho do Reino de Deus que «vem com poder» (*Mc* 9,1). Como o corpo de Cristo, a Igreja «reúne» (cf. *Mt* 23,37), transfigura e alimenta o mundo com a «água que se converte, em quem a bebe, em fonte que jorra para a vida eterna» (*Jo* 4,14).

2. A tradição apostólica e patrística, obedecendo as palavras do Senhor e fundador da Igreja durante a Santa Ceia com seus discípulos, quando instituiu o sacramento da divina Eucaristia, pôs em relevo o atributo da Igreja como «Corpo de Cristo» (*Mt* 25,26; *Mc* 14,22; *Lc* 22,19; *1Cor* 10,16-17; 11,23-29). Tal atributo sempre esteve associado com o mistério da Encarnação do Filho e Verbo de Deus, com o Espírito Santo e com a Virgem Maria. Neste espírito, sempre enfatizou a relação indefectível, tanto entre o mistério da divina economia em Cristo e a Igreja, como entre o mistério da Igreja e o sacramento da divina Eucaristia, garantido sem cessar na vida sacramental da Igreja, pela operação do Espírito Santo.

A Igreja Ortodoxa, fiel a esta tradição apostólica e experiência sacramental unânime, é a continuidade autêntica da Igreja una, santa, católica e apostólica, tal como é confessado no Credo e confirmado pelo ensinamento dos Padres da Igreja. Desta maneira, sente a enorme responsabilidade que lhe incumbe, que consiste não apenas em fazer todo o Pleroma viver esta experiência autêntica de fé, mas também em oferecer à humanidade o testemunho credível desta fé.

3. Em sua unidade e catolicidade, a Igreja Ortodoxa é a Igreja dos Concílios desde a Assembléia dos Apóstolos em Jerusalém (*At* 15,5-29). A Igreja, em si mesma, é um Concílio estabelecido por Cristo e guiado pelo Espírito Santo, segundo a palavra do apóstolo: «O Espírito Santo e nós decidimos» (*At* 15,28). Mediante os Concílios ecumênicos e locais a Igreja anunciou e anuncia o

mistério da Santíssima Trindade, revelado pela Encarnação do Filho e Verbo de Deus. O trabalho conciliar prossegue sem interrupção na história pelos concílios mais recentes que possuem uma autoridade universal, sobretudo o Grande Concílio (879-880) convocado por Fócio, Patriarca de Constantinopla; Os convocados na época de São Gregorio Palamás (1341, 1351, 1368), quando foi confirmada a verdade da fé, particularmente sobre a participação do homem nas energias divinas e incriadas e a processão do Espírito Santo; e dos Santos e Grandes Concílios que se reuniram em Constantinopla, o de 1484 para rejeitar o Concílio unionista de Florença (1438-1439), os dos anos de 1638, 1642, 1672 e 1691 para rejeitar as teses protestantes, e o de 1872 para condenar o etnofiletismo como heresia eclesiológica.

4. Fora do Corpo de Cristo «que é a Igreja» (cf. *Ef* 1,23; *Col* 2,17), a santidade é inconcebível. A santidade emana do único Santo; para o homem, trata-se de participar na santidade de Deus, na «comunhão dos Santos», de acordo com a afirmação do sacerdote durante a Divina Liturgia: «O Santo para os santos»; e a resposta dos fiéis: «Um só é Santo, um só é Senhor, Jesus Cristo, na glória de Deus Pai. Amém». Neste espírito, Cirilo de Alexandria também enfatiza, a propósito de Cristo: «Sendo Ele mesmo Deus por natureza, [...] é santificado por nossa causa, no Espírito Santo [...]. Fez isto por nós, não para si mesmo, para que Dele e por Ele, tendo recebido primeiro o princípio da santificação, a graça da santificação pudesse, desde então, estar acessível a toda a humanidade...» (*Comentário sobre o Evangelho de São João*, 11. PG 74.548).

Portanto, de acordo com São Cirillo, Cristo é nossa «pessoa comum» mediante a recapitulação em sua própria humanidade de toda a natureza humana: «todos nós somos em Cristo, e a pessoa comum da humanidade é regenerada nele». (*Comentário sobre o evangelho de São João*, 11. 73.161). É por isso que ele também é a única fonte de santificação para a humanidade. Neste espírito, a santidade é a participação da humanidade no mistério da Igreja e também por meio de seus santos Sacramentos, sendo o centro a divina Eucaristia como «Sacrifício vivo, santo e agradável a Deus» (cf. *Rm* 12,1). «Quem nos separará do amor de Cristo?: a tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Como está escrito: por tua causa somos decapitados todos os dias, tratam-nos como ovelhas para o abate. Porém, em tudo isso, somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou». (*Rm* 8,37). Os santos encarnam a identidade escatológica da Igreja como ação de graças permanente diante do trono celestial e terrestre do Rei da glória, figura do Reino de Deus.

5. Igreja Ortodoxa no mundo é composta por catorze Igrejas autocéfalas locais, reconhecidas em escala pan-ortodoxa. O princípio da autocefalia não pode

operar em detrimento do princípio da catolicidade e da unidade da Igreja. Consideramos, portanto, que a criação das Assembleias Episcopais na diáspora ortodoxa, compostas pelos bispos canônicos reconhecidos que continuam dependentes das respectivas jurisdições canônicas a que se vinculam atualmente, constitui um passo importante em vista à sua organização canônica e a que seu funcionamento regular garantam o respeito do princípio eclesiológico de conciliaridade.

II. A missão da Igreja no mundo

6. O apostolado e a proclamação do Evangelho – ou seja, a ação missionária da Igreja - pertence ao núcleo da identidade da Igreja: trata-se de guardar o mandamento do Senhor e configurar-se ou conformar-se a ele: «Ide, pois, e fazei discípulos de todas as Nações» (Mt 28,19). É o «sopro de vida», que a Igreja dispensa à sociedade humana e que 'eclesializa' o mundo através do estabelecimento de novas Igrejas locais. Neste espírito, os fiéis cristãos ortodoxos são e devem ser apóstolos de Cristo no mundo. Este apostolado deve ser exercido, não de forma agressiva, mas livremente, em amor e respeito para com a identidade cultural dos indivíduos e dos povos. Todas as Igrejas Ortodoxas devem participar neste esforço, com o devido respeito à disciplina canônica.

A participação na divina Eucaristia é fonte de ardor apostólico para evangelizar o mundo. Participando na divina Eucaristia e orando em assembleia por toda a terra habitada, somos chamados a prolongar a «liturgia após a Divina Liturgia»; a testemunhar a verdade da nossa fé diante de Deus e dos homens; a compartilhar os dons de Deus com a toda a humanidade; tudo isto, obedecendo ao mandamento que de maneira muito clara o Senhor nos deixou antes de sua ascensão: «(...) então sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra (At 1,8). As palavras pronunciadas antes da divina comunhão «O Cordeiro de Deus é partido e distribuído; é partido, mas não dividido; comido, mas nunca consumido, santificando aqueles que O recebem em comunhão» sugere-nos que Cristo, como o Cordeiro de Deus» (Jo 1,29), «alimento da vida» (Jo 6,48), nos é oferecido como amor eterno que nos une a Deus e uns aos outros. Também nos ensina a partilhar os dons de Deus e a oferecer-nos a nós mesmos por todos, assim como o próprio Cristo fez por nós.

A vida dos cristãos é o testemunho irrefutável da renovação de tudo em Cristo: «Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo» (2Cor 5,17). É um convite lançado a toda a humanidade, para participar pessoalmente, em total liberdade, na vida eterna, na graça de nosso Senhor Jesus Cristo e no amor de Deus Pai, para viver na igreja, a comunhão do Espírito Santo: «buscando de bom grado o mistério da salvação e não pela força» (*Máximo, o Confessor*, PG 90,880). A re-evangelização do povo de Deus nas sociedades contemporâneas secularizadas, bem como a evangelização daqueles que ainda não conhecem Cristo é para a Igreja um dever e um serviço ininterrupto.

III. A família, ícone do amor de Cristo por sua Igreja

7. A Igreja Ortodoxa considera a união indissolúvel entre um homem e uma mulher no amor «um grande mistério... o de Cristo e a Igreja» (*Ef* 5,32) e se interessa pela família que dela resulta. Esta é a única garantia para o nascimento e a educação dos filhos de acordo com o plano da divina economia enquanto «pequena igreja» (São João Crisóstomo, '*Comentário sobre a Epístola aos Efésios*', 20, PG 62,143), aportando-lhe o apoio pastoral necessário.

A crise contemporânea do matrimônio e da família emerge da crise da liberdade, que se vê reduzida a uma realização do próprio eu, tendo em vista a busca da felicidade e, portanto, equiparada a uma presunção, a uma autarquia e autonomia individual; perde-se assim o caráter sacramental da união do homem e da mulher, e se esquece o '*ethos*' sacrificial do amor. A sociedade secularizada de nossos dias aborda o matrimônio a partir de critérios puramente sociológicos e pragmáticos, considerando-o uma simples forma de relacionamento entre muitas outras, reivindicando o direito legal de beneficiar-se de uma garantia institucional.

O matrimônio é um ofício de vida no amor alimentado pela Igreja e um incomparável dom da graça de Deus. A «poderosa mão» do Deus «unificador» «invisivelmente presente une os cônjuges» ao Cristo e um ao outro. As coroas que são colocadas sobre as cabeças dos cônjuges na celebração do sacramento fazem referência ao sacrifício e dedicação a Deus e ao dos cônjuges entre si. Sugerem ainda a vida do Reino de Deus, revelando a referência escatológica do mistério do amor.

8. O Santo e Grande Concílio se volta com particular amor e ternura às crianças e aos jovens. Entre as múltiplas definições conflitantes sobre a infância, a nossa

Santíssima Igreja sublinha as palavras do nosso Senhor: «Se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos céus» (Mt 18,3), e «quem não receber o Reino de Deus como uma criancinha, nele não entrará» (Lc 18,17); e como nosso Salvador disse a propósito daqueles que «impedem» (cf. Lc 18,16) os pequeninos de chegarem a ele, bem como, a propósito dos que «escandalizam» os seus pequeninos (Mt 18,6).

A Igreja oferece à juventude não apenas «ajuda», mas a «verdade» da nova vida divino-humana em Cristo. A juventude ortodoxa deve tomar consciência de que é portadora da tradição da Igreja Ortodoxa, bendita e multissecular, e ao mesmo tempo, continuadora desta Tradição que haverá de preservar com valentia e coragem, e cultivar com força os valores eternos da Ortodoxia para oferecer um testemunho cristão vivificante. Desta juventude irá emergir os futuros servidores da Igreja de Cristo. Assim pois, os jovens não são somente o «futuro» da igreja, mas também a expressão ativa de sua vida ao serviço do homem e de Deus no tempo presente.

IV. A educação em Cristo

9. Em nossos dias, o campo da formação e da educação se veem sacudidos por muitas controvérsias acerca, não apenas do conteúdo e objetivos da educação, mas também, por uma nova percepção a respeito da infância, do papel do professor e do aluno, assim como, da escola moderna. Uma vez que a educação concerne não apenas ao que é o homem, mas também ao que ele deve ser e a medida de sua responsabilidade, é evidente que a imagem que formamos do homem e o sentido que damos à sua existência determinam também o nosso ponto de vista sobre a sua educação. Individualista, secularizado e buscando apenas a felicidade, o sistema educacional hoje dominante, cujas consequências sofre a nova geração, também é posto em causa e preocupa a Igreja Ortodoxa.

A educação ocupa o centro da solicitude pastoral da Igreja, não apenas em face à cultura intelectual, mas também à edificação e ao desenvolvimento do ser humano como um todo como entidade psicossomática e espiritual, de acordo com o trinômio: «Deus, homem, mundo». Em seu discurso catequético, a Igreja Ortodoxa chama afetuosamente o povo de Deus, e em especial a juventude, a participar consciente e ativamente na vida da Igreja, cultivando nela a «aspiração perfeita» a vida em Cristo. Assim, o pleroma cristão encontra na comunhão divino-humana da Igreja um suporte existencial para viver a perspectiva pascal da deificação por graça.

V. A Igreja diante dos desafios contemporâneos

10. A Igreja de Cristo enfrenta contemporaneamente manifestações extremas e até mesmo provocadoras por parte do secularismo, inerente às evoluções políticas, culturais e sociais do mundo moderno. Um elemento fundamental do secularismo foi e continua sendo a idéia de subtrair completamente o ser humano de Cristo e da influência espiritual da Igreja, associando-a ao conservadorismo e, ignorando a história, alegando ser a Igreja obstáculo ao progresso e à evolução. Em nossas sociedades secularizadas - cortadas de suas raízes espirituais -, o homem confunde sua liberdade e o sentido da sua vida com uma autonomia absoluta, com uma libertação em relação ao seu destino eterno; e isto produz toda uma série de mal-entendidos e interpretações falaciosas da tradição cristã. Assim, a liberdade em Cristo que provém do Alto e o progresso que conduz «ao estado de homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo» (*Ef* 4,13), são considerados freios às disposições auto-salvadoras do ser humano. O amor disposto ao sacrifício é julgado incompatível com o individualismo, e o caráter ascético do '*ethos*' cristão um desafio intolerável contra a busca da felicidade individual.

Associar a Igreja a um conservadorismo que é inconciliável com o progresso da civilização é uma alegação arbitrária e abusiva, pois a consciência nacional dos povos cristãos trás a marca indelével da sua contribuição secular, não só em sua herança cultural, mas também no desenvolvimento saudável da civilização secular em geral, uma vez que Deus fez do homem administrador da sua criação divina, associando-o à sua obra. No lugar do «homem-Deus» contemporâneo, a Igreja Ortodoxa afirma o «Deus-homem» como medida de todas as coisas: «Não falemos do homem deificado, mas do Deus humanizado» (João Damasceno, '*Exposição da fé ortodoxa*,' 3,2, PG 94,988). Expõe a verdade da fé salvadora do Deus-homem e seu Corpo, a Igreja, como lugar e modo de vida em liberdade. Permite «confessar a verdade no amor» (cf. *Ef* 4,15) e também participar, já na terra, da vida de Cristo ressuscitado. O caráter divino-humano da Igreja, «que não é deste mundo» (*Jo* 18,36), que nutre e orienta a sua presença e seu testemunho «no mundo», proíbe-lhe de se conformar ao mundo (cf. *Rm* 12,2).

11. O desenvolvimento atual da ciência e da tecnologia está mudando nossas vidas. Tudo o que gera uma mudança na vida humana exige de nós um exercício de discernimento, pois, para além dos importantes benefícios - por exemplo, os que facilitam a vida cotidiana, os que permitem tratar enfermidades que eram

antes incuráveis e ir mais além na investigação espacial -, enfrentamos também os aspectos negativos do progresso científico: riscos como a manipulação da liberdade humana, a instrumentalização do ser humano, a perda gradual de preciosas tradições, a degradação e até mesmo destruição do meio ambiente.

Por sua própria natureza, a ciência não dispõe, infelizmente, dos meios necessários para prevenir ou curar uma série de problemas que ela mesma gera, direta ou indiretamente. O conhecimento científico não mobiliza a vontade moral do ser humano que, conhecendo os seus riscos, segue agindo como se não tivesse sido advertido. Sem uma visão espiritual é impossível responder aos graves problemas éticos e existenciais do ser humano nem ao sentido eterno de sua vida e do mundo.

12. Em nossos dias, os impressionantes progressos no campo na biologia, genética e na neuropsicologia do cérebro suscitam um entusiasmo generalizado. Trata-se de conquistas científicas, cuja gama de aplicações é susceptível de produzir graves dilemas éticos e antropológicos. O uso descontrolado da biotecnologia que intervém no início, transcurso e fim da vida, compromete a verdadeira plenitude da mesma. Pela primeira vez em sua história o homem se entrega a experimentos extremos e perigosos à sua própria natureza. Arrisca transformar-se em uma mera relação biológica, em unidade social ou aparato de pensamento controlado.

A Igreja Ortodoxa não poderia ficar à margem do debate sobre questões antropológicas, éticas e existenciais de tal importância. Apóia-se nos critérios ditados por Deus para demonstrar a atualidade da antropologia ortodoxa face ao colapso (desconstrução) contemporâneo dos valores. Nossa Igreja pode e deve manifestar no mundo sua consciência profética em Jesus Cristo, que na encarnação assumiu plenamente a condição humana e que é o modelo absoluto da restauração do gênero humano. Afirma que a vida humana é sagrada e que possui o atributo de pessoa desde a sua concepção. Nascer é o primeiro direito humano. A Igreja, enquanto comunhão divino-humana no seio da qual todo ser humano é uma entidade única destinada a comungar pessoalmente com Deus, resiste a todo e qualquer intento de reduzir o ser humano ao status de objeto, a transformá-lo em dado mensurável. Nenhum êxito científico está autorizado a atentar contra a dignidade e o destino divino do homem. O ser humano não está unicamente determinado por seus genes.

Sobre esta base se funda a Bioética do ponto de vista ortodoxo. Em uma época de imagens contraditórias do homem, diante de concepções seculares, autônomas e redutoras, a Bioética ortodoxa afirma a criação à imagem e semelhança de Deus e o destino eterno do homem. Contribui deste modo para

o enriquecimento do debate científico e filosófico acerca das questões bioéticas, aportando a antropologia bíblica e a experiência espiritual da ortodoxia.

13. Em uma sociedade mundial baseada no «ter» e no individualismo, a Igreja Ortodoxa em todo o mundo propõe a verdade da vida em Cristo e segundo Cristo, livremente encarnada na vida cotidiana de todo o ser humano através de seu trabalho cumprido «até à tarde» (*Sl* 103,23) com o qual este se converte em colaborador do Pai eterno, «pois trabalhamos juntos na obra de Deus» (*1Cor* 3,9) e de seu filho («Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também» (*Jo* 5,17). A graça de Deus santifica todas as obras do homem que coopera com Deus, elevando nele a afirmação da vida e comunhão humana. Neste contexto, situa-se também a ascese cristã, radicalmente diferente de todo ascetismo dual que isola o ser humano da sociedade e de seu próximo. A ascese cristã e a temperança, que unem o homem à vida sacramental da Igreja, não são exclusivas da vida monástica, mas atributos da vida cristã em todas as suas manifestações, um testemunho tangível da presença do espírito escatológico na existência bendita dos fiéis ortodoxos.

14. As raízes da crise ecológica são espirituais e morais. Estão inscritas no coração de cada ser humano. Ao longo dos últimos séculos, esta crise vem se agravando por causa de numerosas lacunas causadas por paixões humanas como a cobiça, a luxúria, a ganância, o egoísmo, o espírito de depredação e suas influências no planeta, tais como: alterações climáticas, que já ameaçam seriamente o meio ambiente, nossa «casa» comum. A ruptura do relacionamento entre o homem e a natureza é uma aberração, no que tange ao verdadeiro uso da criação de Deus. Para a solução do problema ecológico, em base aos princípios da tradição cristã, não só a penitência é necessária, - considerando o pecado da exploração inadequada dos recursos naturais do planeta – mas também uma mudança radical de mentalidade e o exercício da ascese como antídoto contra o consumismo, contra o culto das necessidades e o sentimento de posse. Isso pressupõe, também, a imensa responsabilidade que nos incumbe de deixar às gerações futuras um meio ambiente viável, e usá-lo segundo a vontade e a bênção de Deus. Nos sacramentos, a criação é afirmada e o homem é animado a atuar como seu ecônomo, guardião e «sacerdote», que a apresenta ao Criador em ação de Graças - «o que é teu, do que é teu, nós te oferecemos em tudo e por tudo» -, cultivando assim um relacionamento eucarístico com a criação. Esta visão ortodoxa evangélica e patrística chama também a nossa atenção sobre os aspectos sociais e as influências trágicas que representa a destruição do meio ambiente.

VI. A Igreja frente à globalização: a violência como fenômeno extremo e a imigração.

15. A teoria contemporânea da globalização, silenciosamente imposta e rapidamente propagada, provoca fortes impactos em escala mundial na economia e na sociedade. A globalização tem gerado novas formas de exploração sistemática e de injustiça social. Planejou a eliminação gradual dos obstáculos que representam as tradições nacionais, religiosas, ideológicas, entre outras. Levou ao enfraquecimento com vistas a desestruturação das conquistas sociais em nome da reconstrução da economia mundial, que se supõe necessária, aumentando assim o fosso entre ricos e pobres, dinamitando a coesão social dos povos e reavivando numerosos focos de tensão internacional.

Em face ao processo de homogeneização redutora e impessoal promovida pela globalização, e também contra as aberrações do etnofiletismo, a Igreja Ortodoxa propõe proteger a identidade dos povos e reforçar o caráter local. Como modelo alternativo para a unidade da humanidade, propõe sua organização estruturada com base na igualdade de valor das Igrejas Locais. A Igreja se opõe a ameaça provocadora que pesa em nossos dias sobre o indivíduo e as tradições culturais dos povos que a globalização encerra; ela também se opõe ao princípio segundo o qual a economia tem sua própria lei ou «economicismo», ou seja, que a economia, emancipada das necessidades vitais do ser humano, se torna um fim em si mesmo. Propõe, portanto, uma economia estável, fundada nos princípios do Evangelho, tendo no centro a palavra do Senhor: «não só de pão vive o homem» (Lc 4,4), não associa o progresso do gênero humano apenas à melhoria do nível de vida ou desenvolvimento econômico em detrimento dos valores espirituais.

16. A Igreja não se mistura à política, no sentido estrito do termo. No entanto, seu testemunho é essencialmente político enquanto preocupação com o ser humano e com sua liberdade espiritual. Sua palavra é bem distinta e sempre terá o dever de intervenção em favor do ser humano. As Igrejas Ortodoxas Locais são chamadas hoje a estabelecer uma nova e harmoniosa relação com o Estado de direito no novo contexto das relações internacionais, em conformidade com a afirmação bíblica: «Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (Mt 22,21). Esta cooperação deve salvaguardar a singularidade da Igreja e do estado e assegurar a sua franca cooperação em favor da dignidade humana da que emanam os direitos humanos, e assegurar também a justiça social.

Os direitos humanos estão hoje no centro da política, como resposta às atuais crises e instabilidades sociais e políticas e se destinam a proteger a liberdade do

indivíduo. A Igreja Ortodoxa considera criticamente os direitos humanos pelo temor de que o direito individual possa se degenerar em individualismo e em movimentos reivindicativos de direitos. Tal aberração é prejudicial ao conteúdo comunitário da liberdade, pois transforma arbitrariamente os direitos em reivindicações individuais de busca de felicidade, confunde liberdade e laxismo do indivíduo e erige esta licença em «valor universal» que mina as bases dos valores sociais, da família, da religião, da nação e ameaça os valores éticos fundamentais.

A visão ortodoxa do homem se opõe, pois, tanto à apoteose arrogante do indivíduo e de seus direitos como à humilhação da pessoa humana esmagada pelas atuais e gigantescas estruturas econômicas, sociais, políticas e comunicativas. A tradição da Ortodoxia é para o homem uma fonte inesgotável de verdades vitais. Ninguém tem honrado e cuidado tanto do ser humano como Cristo e sua Igreja. A proteção do princípio da liberdade religiosa, sob todas as suas perspectivas, é um direito fundamental, nomeadamente, a liberdade de consciência, fé, adoração e todas as manifestações de liberdade religiosa, individuais e colectivas, incluindo o direito de cada crente praticar livremente seus deveres religiosos sem qualquer interferência por parte dos poderes públicos, bem como, a liberdade de ensinar a publicamente o conteúdo da sua fé e ter asseguradas as condições de funcionamento das comunidades religiosas.

17. Vivemos, nos dias atuais, um recrudescimento da violência em nome de Deus. As exacerbações fundamentalistas no seio das religiões ameaçam impor a idéia de que o fundamentalismo pertence à essência do fenómeno religioso. A verdade é que, enquanto «zelo, ainda que não com entendimento adequado» (*Rm* 10,2), o fundamentalismo constitui uma manifestação mortífera de religiosidade. A verdadeira fé cristã, de acordo com o modelo da Cruz do Senhor, se sacrifica sem sacrificar; por isso é o juiz mais inexorável do fundamentalismo, independentemente da sua origem. O diálogo interreligioso franco contribui para o desenvolvimento de uma confiança mútua na promoção da paz e da reconciliação. A igreja luta para tornar sempre mais tangível sobre a terra a «paz do alto». A verdadeira paz não se alcança pela força das armas, mas única e exclusivamente através do amor que «não procura o seu próprio interesse» (*1Cor* 13,5). O bálsamo da fé deve servir para curar as feridas antigas do próximo e não para reascender novas fogueiras de ódio.

18. A Igreja Ortodoxa segue, com dor em oração, constatando a terrível crise humanitária que assola os nossos dias, a propagação da violência e dos conflitos armados, as perseguições, as deportações e assassinatos cometidos contra

membros de minorias religiosas, a expulsão forçada de famílias de suas casas e lugares, a tragédia do tráfico de seres humanos, a violação dos direitos fundamentais dos indivíduos e dos povos, assim como a conversão religiosa forçada. Condena categoricamente os sequestros, as torturas e execuções atroz. Denuncia a destruição de igrejas, símbolos religiosos e monumentos culturais.

A Igreja Ortodoxa está particularmente preocupada com a situação dos cristãos, assim como, a das outras minorias nacionais e religiosas perseguidas no Oriente Médio. Faz um chamado, sobretudo aos governos dos países da região, para que protejam as populações cristãs, os ortodoxos, os antigos orientais e demais cristãos que tem sobrevivido no berço do cristianismo. As populações cristãs e demais populações nativas têm o direito imprescritível de permanecer em seus países como cidadãos que desfrutam de igualdade de direitos.

Exortamos, pois, a todas as partes envolvidas, independentemente de suas convicções religiosas, a trabalhar na reconciliação e respeito dos direitos humanos e a proteger, acima de tudo, o dom divino da vida. É preciso fazer cessar a guerra e o derramamento de sangue e prevalecer a justiça para que a paz volte a reinar, e seja possível o retorno daqueles que foram expulsos de seus lugares ancestrais. Rezamos pela paz e a justiça nos países tão sofridos da África e Ucrânia. Reunidos em Concílio, reiteramos firmemente nosso chamado aos responsáveis para que sejam libertados os dois bispos sequestrados na Síria, Paulo Yázigi e João Ibrahim. Rezamos também pela libertação de todos os nossos semelhantes mantidos como reféns e em cativeiros.

19. A imprevisível crise contemporânea dos refugiados e imigrados, por razões econômicas, políticas e climáticas se agrava continuamente e ocupa o centro do interesse mundial. A Igreja Ortodoxa não deixou de considerar aqueles que são expulsos, que se encontram em perigo e necessidade, de acordo com as palavras do Senhor: «Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver» (*Mt 25,35,36*); e: «Em verdade vos digo, que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes» (*Mt 25,40*). No decorrer da sua história, a Igreja sempre esteve ao lado de «todos os que estão cansados e sobrecarregados» (*Mt 11,28*). Em todos os momentos, a filantropia da Igreja não se limita simplesmente um ato ocasional de caridade para com os necessitados e os sofredores, mas que visa eliminar as causas geradoras dos problemas sociais. O «mistério cumprido» pela Igreja (*Ef 4,12*) é reconhecido por todos.

Fazemos um chamado - antes de tudo, aos que estão em condições de erradicar as causas que geram a crise dos refugiados - a tomar as decisões adequadas neste sentido. Chamamos as autoridades políticas, os fiéis ortodoxos e os cidadãos dos países de acolhimento, para os quais os refugiados se tem dirigido e continuam se dirigindo, a que lhes estendam toda a ajuda possível na medida das próprias capacidades.

VII. A Igreja: testemunhar no diálogo

20. A Igreja é sensível a todos aqueles que a abandonaram e sofre por todos aqueles que já não compreendem sua palavra. Em sua consciência de ser a presença viva de Cristo no mundo, plasma em ações concretas a economia divina valendo-se de todos os meios à sua disposição a fim de dar testemunho da verdade de maneira credível no rigor da fé apostólica. Partindo desta compreensão do dever de testemunho e de disponibilidade, em qualquer tempo, a Igreja Ortodoxa dá uma grande importância ao diálogo, especialmente com os cristãos heterodoxos. Através deste diálogo, os demais cristãos têm podido conhecer melhor a ortodoxia e a pureza de sua tradição. Sabem também que a Igreja Ortodoxa jamais aceitou o minimalismo teológico ou colocou em dúvida sua tradição dogmática e seu «ethos» evangélico. Os diálogos intercristãos tem sido uma ocasião para ortodoxia sublinhar o respeito devido ao ensinamento dos Padres e testemunhar validamente a tradição autêntica da igreja una, santa, católica e apostólica. Os diálogos dos quais participa a Igreja Ortodoxa nunca significaram - e não haverão de significar jamais - assumir compromissos de qualquer espécie em questões de fé. Esses diálogos são um testemunho da ortodoxia baseada a mensagem do Evangelho: «venham, e vejam» (Jo 1,46) e: «Deus é amor» (1Jo 4,8).

Neste espírito, sendo a manifestação em Cristo do Reino de Deus, a Igreja Ortodoxa no mundo inteiro vive o mistério da economia divina em sua vida sacramental, centrada na divina Eucaristia que nos dá, não um alimento perecível e que se corrompe, mas o próprio Corpo do Senhor, fonte de vida, o «Pão celeste» «que é remédio da imortalidade», antídoto, não para não morrer, mas para viver para sempre em Jesus Cristo» (Inácio de Antioquia, '*Carta aos Efésios*' XX, 1, PG 5,756A). A divina Eucaristia é o núcleo central da função conciliar do corpo eclesial, assim como a verdadeira garantia da ortodoxia da fé da igreja, como afirmou Santo Ireneu de Lyon: «Para nós, a nossa maneira

de pensar (= ensinamento) é consistente com a Eucaristia, e a Eucaristia, por sua vez, confirma a nossa maneira de pensar» (*‘Contra as Heresias’*, IV, 18, PG 7,1028).

Evangelizando, pois, o mundo inteiro, segundo o mandato do Senhor e «pregando o arrependimento e a remissão dos pecados a todas as nações» (cf. Lc 44,47), recomendamos-nos a nós mesmos e uns aos outros e toda a nossa vida a Cristo nosso Deus; amemo-nos uns aos outros, confessando na concórdia «ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível». Reunidos em Concílio, dirigimo-nos aos fiéis de nossa santíssima Igreja Ortodoxa e ao mundo inteiro, caminhando nos passos dos santos Padres e obedecendo as decisões conciliares que prescrevem a salvaguarda da fé apostólica recebida e a «conformação a Cristo» em nossa vida cotidiana, na esperança da «ressurreição comum», damos glória à Divindade em Três Pessoas, cantando:

*«Pai Todo-poderoso,
Verbo e Espírito de Deus,
Natureza Única em Três Pessoas,
Essência e Divindade Suprema,
em Ti fomos batizados
e Te bendizemos pelos séculos dos séculos*
(Canon pascal, ode 8).

† **Bartolomeu de Constantinopla, presidente**
† **Theodoro II de Alexandria**
† **Theófilo III de Jerusalém**
† **Irineu da Sérvia**
† **Daniel da Romênia**
† **Chrysostomos de Chipre**
† **Ieronymos de Atenas e de toda a Grécia**
† **Sawas de Varsóvia e toda Polônia**
† **Anastasios de Tirana e toda Albânia**
† **Rastislav de Presov, das terras Checa e Eslováquia**

Delegação do Patriarcado Ecumênico

† **Lion de Karelia e toda Finlândia**
† **Estevão de Tallinn e toda Estônia**
† **João da sede maior de Pérgamo**

† Demetrio da sede maior da América
† Agostinho da Alemanha
† Irineu de Creta
† Isaías de Denver
† Aleixo de Atlanta
† Santiago das Ilhas dos Príncipes
† José Proeconeso
† Meliton da Filadélfia
† Emanuel de França
† Nicetas de Dardanelos
† Nicolau de Detroit
† Gerásimo de São Francisco
† Anfiloquio de Quisamo e Seleno
† Ambrósio da Coreia
† Máximo de Selibria
† Anfiloquio de Adrianópolis
† Calixto de Dioclea
† Antônio de Hierápolis, líder dos ortodoxos ucranianos nos EUA
† Job de Telmessos
† João de Cariópolis, Líder do Exarcado patriarcal das paróquias ortodoxas de tradição russa na Europa ocidental
† Gregório de Nissa, Líder dos carpatorutenos ortodoxos nos EUA

Delegação do Patriarcado de Alexandria

† Gabriel da sede maior Leontópolis
† Macario Nairobi
† Jonas Kampala
† Serafim do Zimbábwe e Angola
† Alexandro de Nigéria
† Teofilacto de Tripoli
† Sergio do Cabo da Boa Esperança
† Athanasios de Cirene
† Aleixo de Cartago
† Jerônimo de Muanza
† Jorge de Guiné
† Nicholas de Hermópolis
† Demétrio de Irenópolis
† Damasceno de Joanesburgo e Pretória
† Narciso de Accra
† Emanuel de Tolemaida
† Gregório de Camarões
† Nicodemos, Metropolita de Memphis

† Melécio de Katanga
† Pantaleão de Brazzaville e do Gabão
† Inocente do Burundi e Ruanda
† Crisóstomo de Moçambique
† Neófito da Nieri e Quênia

Delegação do Patriarcado de Jerusalém

† Benito Filadélfia
† Aristarcos de Constantina
† Teofilacto do Jordão
† Nectario de Antidona
† Filomeno de Pella

Delegação da Igreja da Sérvia

† João de Ohrid e Skopje
† Anfiloquio de Montenegro e do Litoral
† Porfirio de Zagreb e Liubliana
† Basílio de Sirmio
† Luciano BudimljeNikšić
† Longino de Nova Gračanica
† Irineu de Bačka
† Crisóstomo ZvornikTuzla
† Justino de Žiča
† Pacômio de Vranje
† João de Šumadija
† Ignácio de Braničevo
† Fócio da Dalmácia
† Atanásio de Biha Petrovac
† Joanicio de BudimljeNikšić
† Gregório de Humerzegovina e do litoral
† Milutino Valjevo
† Máximo na América ocidental
† Irineu na Austrália e Nova Zelândia
† David de Kruševac
† João de Pakrac e Eslavônia
† André na Áustria e Suíça
† Sergio em Frankfurt e Alemanha
† Hilarião de Timok

Delegação da Igreja da Romênia

† Teofano de Iasi, de Moldávia e Bucovina
† Lorenzo de Sibiu e Transilvânia
† André de Vad, Feleac, Cluj, Alba Julia, Crisana e Maramures
† Irineu de Craiova e Oltenia
† João de Timișoara e do Banat
† José na Europa Ocidental e Meridional
† Serafim na Alemanha e na Europa Central
† Nifon de Targoviste
† Irineu de Alba Julia
† Joaquin Roman e Bacau
† Casiano do Baixo Danúbio
† Timothy de Arad
† Nicolau na América
† Sofrônios Oradea
† Nicodemos de Strehaia e Severin
† Bessarion de Tulcea
† Petronio de Salaj
† Silvano na Hungria
† Silvano na Itália
† Timothy em Espanha e Portugal
† Macário no Norte da Europa
† Barlaan de Ploesti, assistente Patriarcado
† Emiliano de Lovistea, auxiliar do Arcebispado de Râmnic
† João Cassiano Vikin, auxiliar do Arcebispado na América

Delegação da Igreja de Chipre

† Jorge de Paphos
† Crisóstomo de Quitión
† Crisóstomo de Cirenica
† Atanásio de Lemeso
† Neófito de Morfo
† Basílio de ConstânciaFamagusta
† Nicéforo de Cico e Tileria
† Isaías Tamaso e Orinia
† Barnabé de Tremitunte e Leucara
† Cristovão de Karpasia
† Nectario de Arsinoe
† Nicolau de Amathus
† Epifanio de Ledra
† Leôncio de Quitres

† Porfirio de Neapolis
† Gregório de Mesorea

Delegação da Igreja da Grécia

† Procópio de Filipo, Neapolis e Taso
† Crisóstomo de Peristerion
† Germano de Elida
† Alexandre de Mantinea e Cinuria
† Ignácio de Arta
† Damasceno de Didimotico, Orestias e Sufli
† Aleixo de Nicéia
† Hierotheus de Lepanto e San Blas
† Eusebio de Samos e Icaria
† Serafim de Castoria
† Inácio de Demetrias e Calmiro
† Nicodemos de Casandria
† Efrem de Hidra, Espetses e Egina
† Teólogo de Serres e Nigrita
† Macário de Sederocastro
† Antimo de Alexandrópolis
† Barnabé de Neapolis e Staurópolis
† Chrysostomos de Messina
† Atenágoras de Hélio, Acarnes e Petrópolis
† João de Langada, Litis e Rentina
† Gabriel de Nova Jonia e Filadélfia
† Crisóstomo de Nicópolis e Preveza
† Teocleto de Hieriso, Monte Athos e Ardamerion

Delegação da Igreja na Polônia

† Simão de Lodz e Pozńan
† Abel de Lublin e Chel
† Santiago de Białstok e Gdańsk
† Jorge de Siemiatycze
† Paísio de Gorlice

Delegação da Igreja da Albânia

† João de Korce
† Demétrio Argirocastro
† Nicolau de Apolonia e Fier
† Antonio de Elbasan

† Natanael de Amandia

† Asti de Bylis

Delegação da Igreja das Terras Checa e Eslováquia

† Miguel de Praga

† Isaías Sumperk

† Jeremias da Suíça, chefe do Secretariado do Santo e Grande Concílio Pan-ortodoxo.

Tradução: Pe. André Sperandio
da versão em espanhol da Sacra Metrópole de Espanha e Portugal -
Patriarcado Ecumênico